Revista Espaço Acadêmico - Nº 103 - Dezembro de 2009
ANO IX - ISSN 1519-6186

"Patria ou muerte": os 30 anos da Revolução Sandinista

Pedro Ernesto Fagundes*

Resumo

A revolução sandinista na Nicarágua completa 30 anos. Esse movimento colocou um ponto final nas lutas populares contra sucessivas ditaduras. Essa trajetória iniciou-se com a resistência dos combatentes liderados por Augusto Cesar Sandino, no final da década de 1920. Nas décadas seguintes, mesmo após o assassinato de Sandino, sua luta serviu de inspiração para o surgimento de um amplo movimento de oposição à chamada "dinastia dos Somoza". Em 1979, após anos de confrontos, o movimento sandinista derrotou o regime ditatorial. Esse artigo apresenta a trajetória histórica do movimento sandinista até o triunfo da chamada "Revolução Sandinista".

Palavras-chaves: Nicarágua – Ditadura Militar – América Latina - História da América.

"Patria ou morte": 30 years of the Sandinista Revolution

Abstract

The Sandinista Revolution in Nicaragua full 30 years. This movement put an end to the popular struggles against successive dictatorships. That path began with the strength of the fighters led by Augusto Cesar Sandino, the end of the 1920s. In the following decades, even after the assassination of Sandino, his fight served as inspiration for the emergence of a broad opposition movement called the "dynasty of Somoza." In 1979, after years of conflict, the Sandinista movement defeated the dictatorial regime. This article presents the historical trajectory of the movement until the triumph of the Sandinista called Sandinista Revolution.

Key words: Nicaragua - Military Dictatorship - Latin America - History of America.

O homem que de sua pátria não (nem sequer) exige um palmo de terra para a sua sepultura, merece ser ouvido, e não apenas ser ouvido, mas também que acreditem nele (...) Povo irmão: deixo aqui expostos meus ardentes desejos pela defesa da nossa pátria, esperando-os em minhas filas sem distinção de cor política, sempre que vossos membros venham bem intencionados, pois tende em conta que se pode enganar todos algum tempo; mas todo o tempo não se pode enganar todos. Pátria e Liberdade.

A. C. Sandino. (*Primeiro Manifesto Político – 01 de julho de 1927*).

Esse é um dos trechos mais citados e conhecidos do Primeiro Manifesto Político de Augusto Cesar Sandino. Sua preocupação principal era denunciar a situação política caótica que marcava a Nicarágua, nas primeiras décadas do século XX. A questão da soberania e autodeterminação do estado nacional nicaragüense, tão destacados no Manifesto, era um reflexo dos problemas enfrentados pelo conjunto da população desse país da América Central.

A partir da sua independência, no século XIX, a maior batalha do povo nicaragüense passou a ser garantir a sua soberania nacional. Essa não foi uma tarefa fácil, tendo em vista as constantes disputas internas entre os partidos Conservador e Liberal. O ambiente de fratura dos grupos políticos dirigentes trouxe inúmeros problemas para o país. O caso mais espantoso foi o período em que o mercenário norte-americano Willian Walker, aproveitando-se das disputas internas, acabou se autoproclamando presidente da Nicarágua. (MAREGA, 1982).

O perigo de uma invasão estrangeira sempre fez parte dos maiores temores da população. Por conta da posição geográfica estratégica de seu território, esse pequeno país, sempre teve que conviver com a cobiça de seus vizinhos mais poderosos; a principio foi o México e, posteriormente, foi a vez do governo dos Estados Unidos (EUA). Como resultado dessas constantes pressões muitos presidentes da Nicarágua, acabaram assinando acordos comercias com os EUA extremamente desfavoráveis aos interesses da população local.

Os chamados Convênios Dawson, que na prática significaram a entrega do controle dos setores econômicos mais estratégicos e rentáveis da Nicarágua como o do Banco Central, a Alfândega e as estradas de ferro, como garantia de mais um empréstimo feito, em 1911, pelo então presidente do país general Estada, constituem importante exemplo para retratar a situação da Nicarágua naquele momento. Entretanto, nem todos os nicaragüenses aceitaram pacificamente o estabelecimento dos termos do Convênio Dawson.

Sob a presidência de Adolfo Diaz, em 1912, ocorreu um levante de grupos nacionalistas que chegam a ocupar algumas cidades. A resposta dos EUA foi rápida e dura. Em uma exemplar demonstração da política exterior do presidente Norte-americano Woodrow Wilson, oito navios com milhares de *marines* desembarcaram na Nicarágua e passaram a controlar todo o território nicaragüense. A repressão aos nacionalistas foi extremamente sangrenta é marcou profundamente o imaginário da população do país. (ZIMMERMANN, 2004).

A fraude eleitoral era também uma prática corriqueira que servia para garantir a eleição de candidatos ligados a administração de Adolfo Diaz. Tanto que os presidentes que o sucederam, primeiro Emiliano Chamorro Vargas e depois Diego Chamorro, eram seus parentes. Essa situação se alterou quando Bartolemé Martinez ascendeu ao poder em 1923. O governo de Martinez tentou dar os primeiros passos no sentido de rever artigos dos Convênios Dawson. Essa atitude foi suficiente para justificar nova invasão de soldados dos EUA. Toda essa instabilidade favoreceu o retorno de

Adolfo Diaz ao cargo de presidente da nação. (PORTOCARRERO, 1990).

Foi exatamente esse novo período de ocupação estrangeira, que marcou o segundo mandato de Diaz, que serviu de estopim para o crescimento e reorganização, a partir de 1928, do movimento de resistência nacionalista. Os lideres que assumiram a vanguarda dessa luta foram Juan Bautista Sacasa, o general José Maria Moncada e Augusto César Sandino. O que mais chamou a atenção nesse movimento foi à presença de Sandino entre os líderes da resistência.

Não que as péssimas condições de vida da maioria da população não fossem motivos suficientes para determinarem a participação popular em movimentos revolucionários. O que se deve destacar é o fato de um elemento originário da camada mais humilde da sociedade nicaragüense alçar uma posição de destaque entre as lutas inter-oligarquias do país.

Augusto César Sandino nasceu em 18 de maio de 1895, em uma vila do Departamento de Masaya. Passou sua infância e juventude trabalhando como lavrador. Em 1921 iniciou uma peregrinação por vários países da América Central. Voltou ao seu país natal e começou a armazenar armamentos e munição para iniciar sua longa batalha. Ele e algumas dezenas de patriotas iniciaram um movimento de resistência em 1926. Sua "base de operação" passou a ser a região montanhosa da Nicarágua. (MAREGA, 1982).

De cidade em cidade, em todas as vilas e de vitórias em vitórias a trajetória de Sandino e seus homens passou a angariar a simpatia e a admiração do povo da Nicarágua. Porém, os elementos ligados a Sacasa e a Moncada começaram a temer as conseqüências do crescimento do exército guerrilheiro de Sandino. O temor das forças políticas tradicionais nicaragüenses se concretizou quando, em vez de depor suas armas, Sandino e seus homens começaram um processo de reapropriação de possessões norte-americanas na Nicarágua.

O plano de Sandino era devolver ao povo todos os bens que estavam nas mãos dos invasores estrangeiros. O assassinato e o massacre de centenas de nicaragüenses foram, novamente, a forma encontrada pelo governo dos EUA de responderem as pretensões nacionalistas do povo da Nicarágua.

Morre Sandino, surge o Sandinismo.

Após um breve período no México, aonde chegou a fazer contado com o revolucionário Farabundo Martí, de El Salvador, o general Sandino voltou para a Nicarágua e retomou os contatos com seus antigos companheiros de resistência. Sua trajetória foi tragicamente interrompida na noite de 21 de fevereiro de 1934. A vida do nacionalista rebelde chegou ao fim após sua prisão na porta do palácio presidencial onde, de maneira traiçoeira, ele havia acabado de ser recebido pelo então presidente Sacasa. O responsável pela execução de Sandino foi Anastácio Somoza, temido chefe da recém criada Guarda Nacional.

Depois de liderar um golpe de estado no próprio tio, Anastácio Somoza assumiu

a presidência do país, em 1937. O novo presidente iniciou uma perseguição implacável contra os antigos companheiros de Sandino. Com o apoio do governo dos EUA, teve inicio a chamada "dinastia dos Somoza". Período da história política da Nicarágua em que o assassinato, a prisão e a tortura eram colocados em prática contra todos aqueles que ousassem se colocar em oposição aos Somoza e seus aliados.

Na década de 1950, com o aprofundamento do contexto político da Guerra Fria, a situação interna para a oposição da Nicarágua piorou. Isto porque a morte de Sandino não significou o fim da luta pela liberdade do país, muito pelo contrário: o "general de homens livres" morreu, mas o movimento sandinista estava apenas começando sua nova fase.

Como conseqüência do clima de opressão imposto no país, Anastácio Somoza acabou sendo assassinado. Em seu lugar assumiu a presidência Rigoberto Lopes Perez, que ficou pouco tempo no poder. Pouco depois, quem tomou o poder foi Luis Somoza Debayle, filho de Anastácio. A situação política da Nicarágua era de muita pressão, com focos de rebelião surgindo nos meios militares, estudantis e dos trabalhadores. Foi nesse momento que surgiu a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSNL).

> Gente de diferentes partidos políticos, diferentes religiões se reuni e funda a FSLN. Entre eles Tomás Borges e Carlos Fonseca (...) De início se definem como antiimperialistas e revolucionários. Querem a soberania da Nicarágua acompanhada de uma revolução que acabe com o poder dos Somozas. (MAREGA, 1982, p. 35).

A organização serviu como um catalisador dos vários seguimentos da população descontentes com a situação no país. Entre os fundadores da FSNL figuravam operários, estudantes e camponeses. Sua estratégia foi organizar uma resistência em longo prazo com ações armadas no campo e na cidade, a chamada Guerra Popular Revolucionária. Nessa fase seus principais líderes foram Tomás Borges e Carlos Fonseca.

A FSNL alcançou uma relativa organização, prova disso é que contava com dois jornais para divulgação de suas propostas e atividades. Além disso, estabeleceu áreas de treinamento para guerrilheiros. Conseguiu ainda articular seu braço no meio do movimento estudantil, através da criação da Frente Estudantil Revolucionária (FER). Estabeleceu nas cidades uma rede de apoio com o estabelecimento dos Comitês Cívicos Populares (CCP).

Outra prática utilizada pelos sandinistas, para arrecadar fundos para sustentar o movimento, passou a ser os assaltos a bancos e empresas. A FSNL chegou a praticar seqüestros políticos, principalmente, de figuras de destaque do governo e grandes empresários. Os sandinistas conseguiram tomar um avião de passageiros e exigiram como resgate a libertação de inúmeros de seus militantes que estavam presos. Na mesma medida que cresciam a solidariedade interna e externa à luta dos guerrilheiros sandinistas, proporcionalmente, aumentava a brutalidade da repressão por parte da Guarda Nacional.

Inúmeros militantes e simpatizantes da FSLN foram presos ou simplesmente massacrados pelas forças do governo. Essa situação se agravou, sobretudo, a partir de 1967, quando foi eleito presidente da Nicarágua Anastácio

Somoza Debayle, mais conhecido *Tachito* Somoza, outro filho de Anastácio Somoza.

O fortalecimento da repressão, no inicio da década de 1970, acabou despertando a indignação de outros setores da sociedade nicaragüense. Começaram a surgir manifestações de oposição aos Somoza que pregavam um movimento sem luta armada. Para esses setores a aproximação com os EUA era o caminho para livrar a Nicarágua da opressão. Seu representante mais destacado foi Pedro Joaquim Chamorro, diretor do jornal *La Prensa*. Outros seguimentos da sociedade como a Igreja Católica e os empresários, através da União Democrática de Libertação (UDEL), igualmente contrários aos conflitos armados, também começaram a se manifestar contra a situação.

Entretanto, *Tachito* Somoza não estava disposto a dialogar e tão pouco pensava em sair do poder. Prova disso foi que, em vez do dialogar, ele preferiu mandar assassinar o jornalista Chamorro, representante da oposição pacifica. Esse crime chocou todo o país, porém, não modificou em nada a atuação da Guarda Nacional, que continuou massacrando o conjunto da população da Nicarágua. (VALIENTE, 1990, p. 273).

Os sandinistas continuaram sua luta com ações cada vez mais organizadas e ousadas. Como no episódio da invasão do Palácio Nacional, sede do governo, quando foram feitos reféns os 1500 funcionários que estavam no prédio. O saldo dessa operação, comandada pelo guerrilheiro Éden Pastore (conhecido como comandante Zero), foi à libertação de dezenas de militantes da FSNL que estavam nas prisões.

A resposta de *Tachito* Somoza foi, novamente, o endurecimento da repressão como a censura à imprensa e a proclamação do estado de sítio. Com o apoio financeiro dos EUA foram contratados mercenários norte-americanos para ajudar no combate aos guerrilheiros. Apesar da forte pressão internacional contra a dinastia dos Somoza, a política externa americana ainda prestava apoio a *Tachito*. O temor dos EUA era que a Nicarágua seguisse o mesmo caminho de Cuba.

O panorama da Nicarágua passou por rápidas e profundas mudanças em 1979. Primeiro porque as investidas da FSNL passaram a provocar cada vez mais abalos nas forças da Guarda Nacional. A forma de ação dos sandinistas passou a conjugar manobras militares mais incisivas, como a tomada de cidades do interior do país, com a criação de Comitês de Defesa Civil nas maiores cidades. A opinião pública interna estava cada vez mais receptiva aos militantes da FSLN.

A situação de *Tachito* Somoza estava cada vez mais complicada, seu governo estava encurralado e isolado, tanto dentro quanto fora do país. Finalmente, em julho de 1979, os sandinistas conseguiram acumular forças suficientes para tomar a capital Manágua e por fim as décadas de opressão do povo nicaragüense. O ideal de Sandino acabou sendo vitorioso.

Após a fuga dos antigos governantes, foi criada uma Junta Provisória de Governo que começou a árdua tarefa de tentar recuperar a estrutura econômica e social da Nicarágua. A herança da dinastia Somoza foi um país arrasado com os cofres públicos completamente vazios e uma divida externa gigantesca. Entretanto, a maior tarefa do novo governo era saldar a maior de todas as dívidas: a dívida social.

Nesses trinta anos os nicaragüenses passaram por inúmeras experiências políticas, felizmente, os brutais regimes ditatoriais ficaram no passado. Na atualidade os sandinistas estão novamente no poder, dessa vez conquistaram tal espaço pela via eleitoral: o ex-guerrilheiro Daniel Ortega retornou ao posto de presidente da república. Esse fato demonstra que um dos maiores legados da Revolução Sandinista foi a abertura de canais democráticos na Nicarágua.

* **PEDRO ERNESTO FAGUNDES** é Doutor em História Social (UFRJ). Professor do Departamento de História do Centro Universitário São Camilo – ES e da Faculdade de Direito de Cachoeiro de Itapemirim – ES.

Referências:

MAREGA, Marisa. **A Nicarágua Sandinista**. 2º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982 (Coleção Tudo é História)

PORTOCARRERO, Amauru B. Breve estudo sobre a história contemporânea da Nicarágua. IN: **América Latina: história de meio século**. (ORG). CASANOVA, Pablo Gonzáles et al. Brasília: Editora da UNB, 1990. (Coleção Pensamento latino-americano e caribenho).

SESLER, Gregório de. **Sandino: General de Homens Livres**. São Paulo: Global Editora, 1979. (Coleção Nossa América Latina).

VALIENTE, Mario Salazar. Nicarágua. Últimos anos. (ORG). CASANOVA, Pablo Gonzáles et al. Brasília: Editora da UNB, 1990. IN: **América Latina: história de meio século**. (Coleção Pensamento latino-americano e caribenho).

ZIMMERMANN, Matilde. **A Revolução Nicaragüense**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. (Coleção Revoluções do Século XX).